

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
V. 7, N. 2, ano 2015 - Volume Temático: *Linguagem e Subjetividade*

DISCURSO, GÊNERO E SEXUALIDADE: EM TORNO DOS G0YS, ENQUANTO IDENTIDADE SOCIAL

*Antônio Pablo Moura Lima**
*Edgley Freire Tavares***

RESUMO

Em meio às novas expressões de gênero e sexualidade próprias da contemporaneidade, surge o grupo denominado G0ys. Em seus modos de produzir sentidos sobre si e sobre outras identidades de gênero e sexualidade, aqueles que assumem essa prática caracterizam-se como homens que praticam atos sexuais com outros homens, com a particularidade de não haver penetração anal. Segundo declarações dos membros dessa comunidade, este traço seria um diferencial dos G0ys em relação aos gays, constituindo-os como hetero G0ys. Na mídia, em diversos segmentos, a discursivização em torno dessa nova identidade social de gênero e de sexualidade tem possibilitado a proliferação e circulação de discursos de confronto e/ou de pertencimento em torno dos efeitos de sentido construídos pelo grupo G0ys. Enquanto objetivo deste estudo, analisamos a formação e funcionamento deste discurso de identidade em torno do grupo G0ys, numa perspectiva socioconstrucionista dos discursos e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2003) e a partir dos pressupostos e das categorias analíticas da análise do discurso francesa (FOUCAULT, 2007, 2009; FERNANDES, 2012; SARGENTINI, CURCINO & PIOVEZANI, 2011; GREGOLIN & KOGAWA, 2012). De forma preliminar, a análise aponta para a constituição discursiva da identidade G0ys, enquanto espaço de debates e polêmicas, formas de posicionar-se em relação a si e ao Outro que materializam de forma singular a memória social e discursiva em torno das relações de gênero e sexualidade e dos modos de subjetivação contemporâneos.

Palavras-chave: Discurso. Gênero. Sexualidade. G0ys.

ABSTRACT

Among the new contemporary expressions of gender and sexuality, the group called g0ys arises. In their ways of producing meanings about themselves and other identities of gender and sexuality, those who take this practice are characterized as men who has sex with other men, but with the difference that there is no anal penetration. According to statements of the members of this community, this trait would be what differs g0ys from gays, constituting them as straight g0ys. In the media, in several segments, discursivization around this new social identity of gender and sexuality has enabled the proliferation and circulation of confrontational speeches and/or belonging around the meaning effects built by the g0ys group. As an objective of this study, we analyze the formation and operation of this discourse of identity involving the g0ys group, a social constructionist perspective of discourse and social identities (MOITA LOPES, 2003) and from the assumptions and analytical categories of French discourse analysis (FOUCAULT, 2007, 2009; FERNANDES, 2012; Sargentini Curcino & Piovezani, 2011; Gregolin & Kogawa, 2012). Preliminarily, the analysis is pointing to the discursive constitution of g0ys identity, as an area of debate and controversy, in ways to position themselves in relation to each other and the Other that materializes in a unique way the social and discursive memory when it comes to the relations of gender and sexuality and the contemporary subjectivity modes.

Keywords: Discourse. Gender. Sexuality. G0ys.

* Graduando do curso de Letras- Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Endereço eletrônico: pablmoura20@hotmail.com.

** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente no curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Endereço eletrônico: edgleyfreire@msn.com.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, vemos uma explosão das expressividades do gênero e da sexualidade, em que saímos da dicotomia homem/mulher e presenciemos o rompimento histórico do paradigma masculino/feminino. Essa heterogeneidade das práticas de si e dos modos de assumi-las publicamente, na e pela linguagem, vem possibilitando diferentes debates sobre as novas identidades de gênero e sexualidade, colocando-as num confronto de discursos, na tensão entre os posicionamentos e aos modos de produzir sentido em relação a si e ao outro.

Dentre as variadas formas de viver e tematizar a vida social e as identidades de gênero e sexualidade possíveis na contemporaneidade, uma, que circula na mídia virtual, chamou a nossa atenção: os *g0ys*. Em seus modos de produzir sentidos sobre si e sobre outras identidades de gênero e sexualidade, os *g0ys* caracterizam-se como homens que praticam atos sexuais com outros homens. Todavia, eles não se posicionam como *gay*, heterossexual ou bissexual, embora exerçam práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. Esse posicionamento diferente dos *gays*, heterossexuais e bissexuais é justificado na comunidade *g0y* principalmente pela particularidade de não haver penetração anal em suas práticas sexuais¹.

A ausência do sexo anal com seu parceiro dá a este grupo esta característica peculiar. Peculiar, também, é a forma como o grupo grafou a palavra que os representa, ao colocar o numeral zero no meio do vocábulo em vez da letra “o”, escrevendo assim: G 0 Y S. O significante numérico escolhido para dar significado à nova identidade materializaria discursivamente a ausência de traços supostamente *gays*, como o sexo anal, a forma feminina de falar, vestir-se e gesticular-se com feminilidade, ou seja, sem nenhum traço *gay*, isto é, “*gay Zero*” = “*g0y*”. Foneticamente, a sonoridade nos revela que os sujeitos envolvidos com a nova identidade se apropriam de elementos fonéticos dos vocábulos da língua inglesa “*gay*” e “*boy*”, este último tendo como significado “garoto, menino”, marcando assim sua definição não como “*gays femininos*”, e sim como “*goys*” (*gay+boy*), instituindo-se na e pela linguagem como uma identidade *gay* que deve ser enunciada e visibilizada como ainda atravessada pela heteronormatividade.

Levando isso em conta, este artigo objetiva descrever como esta identidade se constrói discursivamente, analisando a formação e o funcionamento deste discurso identitário em torno do grupo *g0ys*, numa perspectiva socioconstrucionista (MOITA LOPES, 2003), problematizadora dos discursos e das identidades sociais. Quanto a isso, o autor explica que as identidades são construídas, reformadas, modeladas e organizadas pelos sujeitos em seus esforços de fazer sentido em relação às sociabilidades e as demais dinâmicas da vida social. Ainda sobre as identidades, Moita Lopes pontua que:

Entendo as identidades sociais como construções sociais e, portanto, discursiva, visto que aprendemos a ser quem somos nos encontros interacionais de todo dia. Isso quer dizer que adoto uma perspectiva anti-essencialista. Não há, portanto, uma essência do que, por exemplo, possa definir uma pessoa heterossexual do sentido de que essa identidade social seja perfeitamente recortada e sempre igual para todos os membros dessa identidade social e em todos os momentos, dentre um leque disponível de modos de expressão da sexualidade” (MOITA LOPES, 2003, p. 27).

¹ Portal hétero g0y – gzeroy cada vez mais presente na Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/news/gzeroy-cada-vez-mais-na-lingua-portuguesa/>>.

Partindo desse pressuposto teórico de que as identidades implicam uma visão não essencialista e discursiva, enquanto atravessamento histórico e semiológico, buscamos descrever a identidade *g0y* como efeito de sentido (GREGOLIN, 2008). Vistas desse modo, as identidades se constroem nos discursos e cabe ao analista descrevê-las em seus jogos de linguagem específicos, na história, algo que implica uma problematização dos discursos de identidade em meio às condições de possibilidade, as escolhas temáticas, os jogos de memória, as relações de saber e poder e às regularidades discursivas (FOUCAULT, 2007) que tornaram possíveis certas práticas de si e as formas de instituí-las discursivamente. Em específico, nossa análise recai sobre os enunciados que circularam e circulam na mídia virtual em torno do grupo *g0y* e daqueles que assumem em suas enunciabilidades tais efeitos de sentido, sempre no confronto com outras marcações identitárias e modos de produzir sentidos em relação à vida social.

Assim, como esperamos mostrar na sequência, a discursividade que marca a identidade *g0y* é sempre produzida em relação ao discurso-outro como expressão da memória social e da produção histórica dos sentidos (FOUCAULT, 2007; PÊCHEUX, 2000), algo fortemente marcado nas enunciabilidades selecionadas e organizadas enquanto série enunciativa constitutiva de um corpus, do qual alguns enunciados puderem ser escolhidos para figurarem nesta análise do discurso (FOUCAULT, 2007, 2009; FERNANDES, 2012; SARGENTINI, CURCINO & PIOVEZANI, 2011; GREGOLIN & KOGAWA, 2012), como representativos do funcionamento deste discurso de identidade.

GOYS, ENUNCIABILIDADES E DISCURSOS DE IDENTIDADE

Não se sabe ao certo o momento histórico exato em que a nova identidade surgiu, mas os ativistas *g0ys* especulam que seu surgimento ocorreu em meados dos anos 2000². Apesar de não sabermos o período exato, nós, enquanto analistas do discurso, partimos do pressuposto teórico de que essa identidade surgiu a partir de sua historicidade. Não nos delimitaremos aqui em datar momentos exatos do surgimento de discurso A ou B, porém, partiremos do princípio de que é pela historicidade que os discursos são construídos e na/pela linguagem são materializados. Vale lembrar que, apesar da materialização dos discursos se darem na e pela linguagem, não faremos aqui análises que se restrinjam a uma abordagem no nível do léxico, do morfológico, do sintático ou outra categoria formal possível, mas partiremos do nível enunciativo como caracterizador do funcionamento da discursividade, remetendo-nos, sempre, à perspectiva foucaultiana em que esse nível enunciativo se marca como o algo a mais que devemos dar conta na análise do discurso.

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento de um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas e destacar-se um conjunto de regras, próprias das práticas discursivas. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. [...] Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que usarem esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2007, p.55-56).

² Portal hétero *g0y* – História do movimento *g0y*. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>>.

Mostraremos o “mais” que está “por trás” das cortinas dos enunciados, que encenam no palco *g0y*. De acordo com Wiik (2012), é no ambiente virtual que a identidade *g0y* tem maior visibilidade e, diríamos mais, é neste espaço em que o grupo produz mais dizibilidade, ou seja, mais formas de expressão e mais efeitos de sentido. Assim sendo, organizamos um *corpus* discursivo na mídia virtual, utilizando um recurso computacional denominado *print screen* (captura de tela em português). Este recurso permitiu que capturássemos a imagem reproduzida na tela do computador num determinado momento e, partindo disso, organizamos tais telas capturadas enquanto materialidades discursivas a partir das quais este percurso analítico se desdobrou. De modo específico, foi possível selecionar imagens de sites, blogs e redes sociais que discorrem sobre os *g0ys*, postagens nas quais pessoas e sujeitos de discurso expressam suas interpretabilidades sobre essa forma de construir o gênero e a sexualidade.

Enunciabilidades em torno dos *G0ys*

O discurso em torno dos *g0ys* possui um funcionamento e, para melhor compreendê-lo, selecionamos como primeira materialidade a sua peça emblemática deste grupo: a bandeira *g0y*. Esse símbolo tem uma representatividade muito forte sobre como os sujeitos *g0ys* se identificam, como eles se veem e como se definem. Vejamos a bandeira a seguir:



Enunciado 01³

Fonte: print screen (captura de tela) do site Heterogoy.

³ Imagem capturada do site Heterogoy. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>>

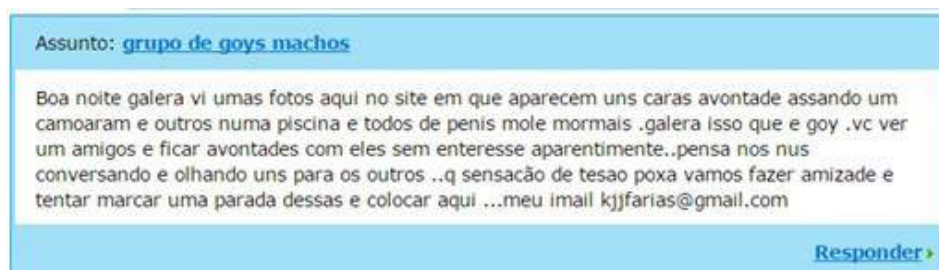
De início, partimos da historicidade do enunciado, enquanto sua condição de emergência ou possibilidade (FOUCAULT, 2007). Em seus jogos de memória, a bandeira *G0y* materializa um retorno na predominância da cor azul nas linhas horizontais da bandeira, indício semiológico (GINZBURG, 1989) que denota as marcas do masculino por alusão sabida de que historicamente o azul é considerado símbolo do masculino.

Há um imaginário social que reforça essa ideia da cor azul como ícone do universo masculino. O conteúdo da bandeira produz um efeito marcado pela forte masculinidade na comunidade *g0y*. Na articulação entre estes aspectos icônicos, marcados na gradação das cores da bandeira, e os aspectos verbais, há na materialidade a inscrição: “O azul pode até ter gradações, mas DEVE CONTINUAR AZUL”. A mensagem linguística que compõe o enunciado produz o efeito de sentido que para os *g0ys* parece ser central, a saber, o de que esses homens até podem se relacionar com outros, mas continuarão sendo “machos”, assumindo os valores e os paradigmas do masculino heteroafirmado, livre de qualquer tom de cor feminino. Isso é totalmente oposto à bandeira *gay*, a qual possui linhas horizontais em várias cores, alusão à diversidade e a não restrição aos padrões heterossexuais.

É necessário entender que não há discurso que se sustente sem referência a outros, não há nesse sentido um discurso de identidade *g0y* fora do jogo com outros dizeres e outras construções identitárias que pressupõem outros modelos de interpretação do real. A relação entre discursos é condição essencial para a produção dos enunciados, pois todo dizer se instaura produzindo sentidos “na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência” (PÊCHEUX, 2011, p.145). Desse ponto em diante, tentemos mostrar que é na tensão e no confronto de sentidos que se produz a identidade *g0y*, entre tantas formas de expressar o gênero e a sexualidade, algo que a bandeira do grupo materializa singularmente, evidenciando-nos que a formação discursiva é sempre uma tensão entre os enunciados que a constituem e os enunciados alhures, de outras formações discursivas. Em suas condições de produção, a bandeira *gay* envolve uma modalidade enunciativa singular e um lugar histórico definido: os movimentos LGBT’s.

Nesse prisma, o enunciado da bandeira *g0y* joga com este outro discurso de identidades e o desloca, produzindo uma descontinuidade no jogo entre o que permanece no plano do conteúdo, como as divisões em listas na horizontal e o que se impõe como mudança, marcada na escolha da paleta de cores entre o azul e o branco, composição que marca a enunciabilidade de um grupo de homens que institui um discurso identitário no atravessamento com outras formações discursivas e outros efeitos de sentido identitários.

Essa tensão se mantém nos posicionamentos afirmativos de membros da comunidade *g0y*, como podemos ver no seguinte enunciado:



Enunciado 02 ⁴

Fonte: print screen (captura de tela) de fórum de discussão do site Heterogoy.

⁴ Imagem capturada de um comentário no site Heterogoy — publicado em 02 set 2015. Disponível em: <http://heterogoy.webnode.com/forum-de-discuss%C3%A3o/discussioncbm_426439/40/>. Acesso em: 05 ago. 2015.

No posicionamento acima, lemos claramente como o enunciador se subjetiva na e pela linguagem, assumindo a discursividade *g0y* e toda a sua gradação identitária, expressa nas cores da bandeira. Há, no jogo de palavras, a interpretabilidade de um sujeito que descreve a imagem de um grupo de homens que estão à beira da piscina numa performance lida como de fraternidade, irmandade e, logo na sequência, o enunciador tematiza a cena como algo tipicamente *g0y*, em “galera isso que é *g0y*”, num gesto de interpretação que se prende às características físicas dos participantes “e todos de pênis moles normais”.

Ainda na sequência, lemos na progressão temática a típica gradação semântica que é emblemática do grupo, pois o enunciador começa a deslizar o olhar que faz da cena típica, e constrói um deslocamento na descrição: “vc ver um amigos e ficar avontades com eles sem interesse aparentemente”. Ao nosso ver, a modalização “aparentemente” dá o tom da enunciabilidade, instituindo um olhar masculino que projeta um desejo de estar à vontade com outros homens e não anula o interesse sexual, pois o vocábulo escolhido deixa margens abertas para um possível interesse, reiterado na própria sequência do post: “pensa nos nus conversando e olhando uns para os outros.. q sensação de tesão poxa vamos fazer amizade e tentar marcar uma parada dessas e colocar aqui...”. Neste último seguimento, o enunciador assume este interesse antes velado e pronuncia sentir tesão na visão que faz de outros homens, ainda que busque colocar isto numa espécie de *frame* de irmandade ou amizade.

Em contrapartida, escolhemos um outro post, desta vez tentando marcar um contra posicionamento em relação aos *g0ys*.



G0ys: o gay que só coloca uma perna para fora do armário

Por: Rodrigo Constantino 17/04/2014 às 16:27

Fonte: GLOBO

Confesso que é difícil acompanhar os modismos da era moderna, especialmente aqueles ligados à sexualidade. Cada dia inventam coisa nova. Agora temos os **g0ys**, uma espécie de gay que não tem coragem de chegar aos finalmentes, análogo ao maconheiro que fumou, mas não tragou:

Enunciado 03⁵

Fonte: Site da revista veja, cujo colunista Rodrigo Constantino fala sobre os *g0ys*.

⁵ Imagem capturada do site da revista veja — publicado em 17 de abril 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/g0ys-o-gay-que-so-coloca-uma-perna-para-fora-do-armario/>>. Acesso em 22 set. 2015.

O enunciado 03, exposto acima, faz circular efeitos de sentido satíricos no aposto “o *gay* que só coloca uma perna para fora do armário”. Vemos, dentro do aposto, o substantivo “armário”, o qual traz consigo a memória discursiva do ato de revelar-se publicamente, anunciando a sua orientação sexual ou identidade de gênero. A memória coletiva sobre “o armário”, produz efeitos no campo semântico como uma atitude corajosa, heroica, destemida, mostrando a bravura do sujeito que decide expor a sua sexualidade sem medo da discriminação.

O discurso materializado na coluna da revista *VEJA* está sendo constituído no jogo entre a historicidade e a materialidade, pois a memória discursiva acerca do “armário” moveu-se mobilizando o passado e o presente. O que antes era tido como um ato heroico agora é retomado e denegado, isto é, posto como algo negativo. Observamos esse movimento quando o sujeito enunciador da revista, através do viés irônico, ridiculariza os *g0ys* por não terem coragem de praticar o sexo anal, que é uma prática dos *gays*. O gesto do colunista negocia efeitos de sentido no campo semântico das práticas discursivas de gênero.

A *Veja* se vale sobre a ausência do sexo anal na relação *g0y*, utilizando isso como descrédito a masculinidade dos *g0ys* e aposta nos sentidos negativos que são produzidos sobre eles na atualidade. Assim, o enunciado do colunista se produz no movimento dialogal com o discurso sobre o “armário *gay*”, inscrevendo por meio da memória sua retomada, embora sobre ela opere uma transformação que se marca na modalidade do enunciado irônico e, desse modo, marca a posição-sujeito e a formação discursiva de onde esse enunciado produz sentidos sobre a identidade *g0y*. O confronto de discursos entre o colunista da revista *VEJA* e os ativistas *g0ys*, que observamos nas materialidades presentes no corpus deste artigo, apontam para o que Courtine (2006) discorreu sobre não haver enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados. O autor compreende apenas formulações as quais o enunciado se refere (implicitamente ou não) seja para repeti-las, modificá-las ou para se opor a elas.

Desse modo, a AD coloca a noção de interdiscurso captando essa tensão entre as discursividades na construção discursiva da identidade *g0y*, no atravessamento inerente entre o discurso posto e o discurso-outro, linguagens e modos de expressão vindos de vários lugares sociais de interpretação do que é ser homem ou ser mulher e de como estar e viver a vida social. Algumas palavras de Fernandes (2007) podem atestar nossas colocações:

Toda forma discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso. Trata-se, conforme assinalamos, de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais. Os enunciados apreendidos em dada materialidade linguística explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se. (FERNANDES 2007, p.51).

Assim, os sentidos constitutivos dos *g0ys* se produzem no movimento dialogal com o discurso LGBT. Na vida social, é na tensão e no confronto que as sociabilidades se constroem e não diferentemente, os modos de assumir o gênero e a sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na breve série enunciativa mostrada, a tensão semântica nos posicionamentos ficou como índice definidor do modo como os sujeitos produzem sentidos em relação à identidade g0y, tanto quando vão assumi-la quanto quando vão procurar contestá-la. E diríamos, portanto, que os discursos de identidade funcionam sempre na tensão, marcando, de um ponto de vista aqui assumido, a identidade como efeito de sentido.

Proposto por Gregolin (2008), a noção de identidade enquanto efeito de sentido, efeito discursivo, estabelece uma perspectiva de problematização das identidades sociais, tomando-a enquanto categoria analítica da teoria do discurso. Para a autora, a identidade é uma construção discursiva, algo que é constituído social e historicamente, na e pela linguagem. O pesquisador do discurso, tal como os demais cientistas sociais, deve buscar problematizar a realidade, a atualidade e o funcionamento das práticas sociais. Nesse sentido, a identidade g0y enquanto manifestação de gênero e sexualidade, pôde ser descrita aqui em seu funcionamento histórico e semiológico (FOUCAULT, 2007, 2009; FERNANDES, 2012; SARGENTINI, CURCINO & PIOVEZANI, 2011; GREGOLIN & KOGAWA, 2012), enquanto uma questão social na qual a linguagem é central tanto em sua constituição como na sua compreensão.

Nesse viés, a identidade construída pelos membros do grupo g0ys foi colocada em causa e descrita enquanto linguagem que possui uma materialidade e formas de funcionar, numa tensão construída entre as práticas discursivas e as práticas subjetivas. Como esperamos ter mostrado, a identidade g0y é um efeito discursivo, como propõe Gregolin (2008), decomposto em seu funcionamento histórico e semiológico em meio às relações de saber-poder-subjetividade de nossa época, no confronto dos dizeres e nos jogos entre os diferentes discursos de identidade possíveis na atualidade das relações de gênero e sexualidade.

Partimos, assim, do enfoque socioconstrucionista das identidades e dos discursos (MOITA LOPES, 2003), algo possível numa visão discursiva da linguagem que se estabelece a partir de, pelo menos, dois pontos: alteridade e situacionalidade. Nesse ponto de vista, os objetos de estudo, e o discurso identitário g0y é certamente um deles, são sociais e “não são dados no mundo, mas são construídos, negociados, reformados, modelados e organizados pelos seres humanos em seus esforços de fazer sentido dos acontecimentos no mundo” (MOITA LOPES, 2003, p.23). Nestes termos, a análise dos discursos de identidade assume uma postura de “entender os fatos sociais, aqui as identidades sociais, a partir da análise dos discursos que a constroem ou a partir das interpretações das pessoas que vivem as práticas discursivas estudadas” (MOITA LOPES, 2003, p.23).

REFERÊNCIAS

CONSTANTINO, Rodrigo. **G0ys**: o gay que só coloca uma perna para fora do armário. Portal VEJA. publicado em 17 de abril 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/g0ys-o-gay-que-so-coloca-uma-perna-para-fora-do-armario/>>. Acesso em 22 set. 20

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1989. P.143-179.

GREGOLIN, M. R. V. Identidade: objeto ainda não identificado? **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista v. 6, n. 1 p. 81-97 junho de 2008.

GREGOLIN, M. R. F.V.; KOGAWA, J. M. **Análise do discurso e semiologia**: problematizações contemporâneas. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

MOITA LOPES, L. P. da. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L. P. da. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade, e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento? (1983) Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. IN: _____. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas/SP: Pontes editores, 2011. p.141-150.

Portal Hétero g0y. **GzeroY cada vez mais presente na língua portuguesa**. Publicado em 30/08/2014 17h23min. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/news/gzeroy-cada-vez-mais-na-lingua-portuguesa/>> Acesso em: 30 ago. 2015.

Portal hétero g0y. **História do movimento g0y**. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos/SP: Claraluz, 2011.

WIIK, FLAVIO BRAUNE. Os G0ys: Religião, Sexualidade, Gênero e Identidades Homoeróticas na Contemporaneidade. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 2, p. 66-83, 2012.

